

Fórum

Num mundo dominado pela tecnologia, que competências considera críticas para o futuro?

Responsáveis das principais instituições de ensino e formação públicas e privadas são unânimes: quanto mais digital se torna o mundo, mais relevantes se tornam as competências humanas. A literacia digital e a capacidade de utilizar a IA de forma crítica e ética serão competências essenciais em praticamente todas as profissões. O pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas complexos, num contexto de incerteza e mudança acelerada serão indispensáveis, tal como a adaptabilidade e a aprendizagem ao longo da vida, numa lógica contínua de 'upskilling' e 'reskilling'.

TEXTO

POR ALMERINDA ROMEIRA

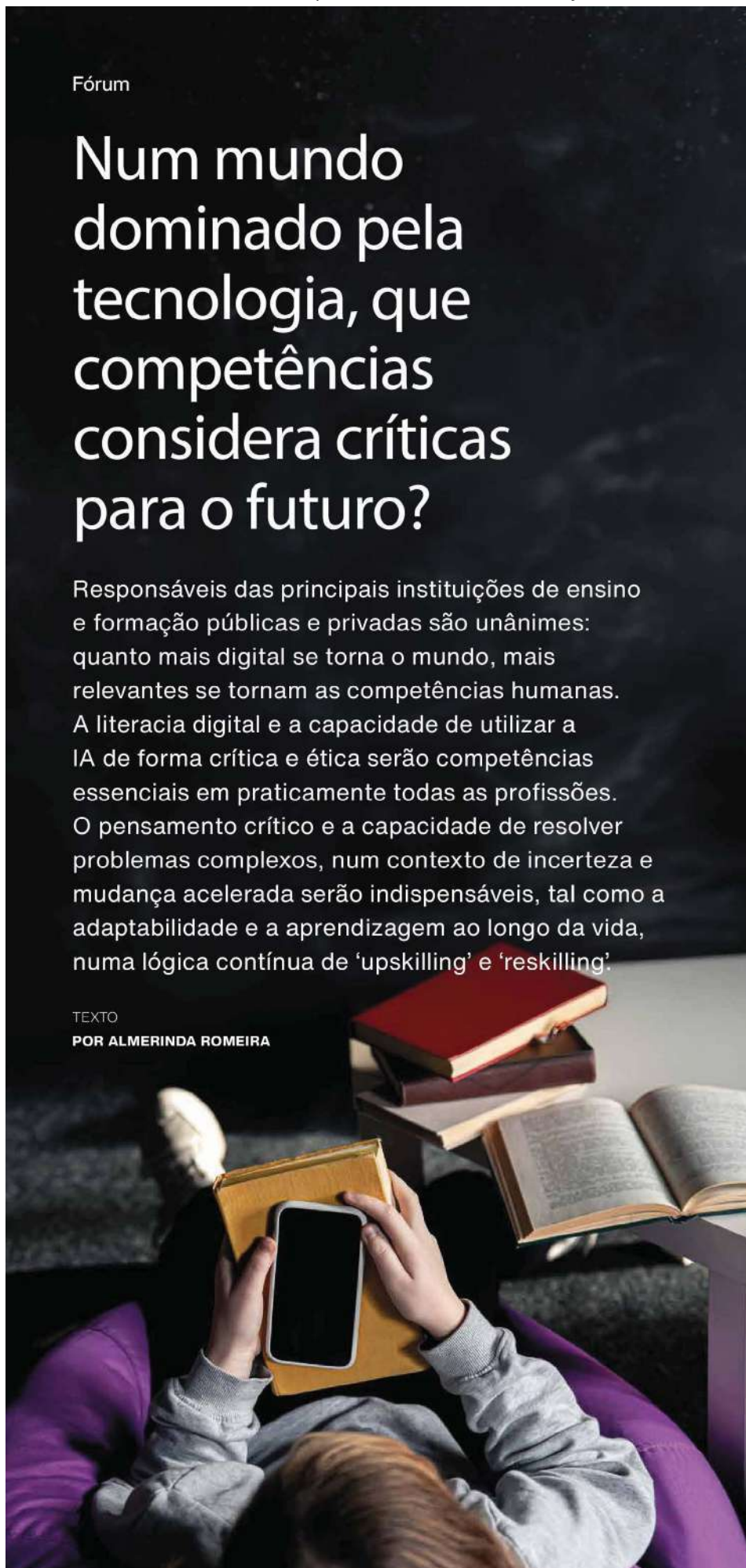
**Luís Ferreira**

Reitor da Universidade de Lisboa
e Presidente do CRUP - Conselho de Reitores
das Universidades Portuguesas

Quanto mais tecnológico é o mundo, mais valiosas se tornam as competências não estritamente tecnológicas a que hoje se convencionou chamar o "paradoxo da tecnologia". A automação e a IA absorvem tarefas rotineiras — inclusive cognitivas — e deslocam o valor humano para aquilo que as máquinas ainda não fazem bem: julgar, contextualizar, criar, cooperar e decidir eticamente. Daí que os quadros de referência mais recentes falem sempre em combinações de competências, e não em listas isoladas.

As competências técnicas e digitais apontadas como fundamentais num futuro próximo são a capacidade de recolher, interpretar e comunicar dados, e de perceber o que estes escondem; saber usar ferramentas de IA generativa de forma crítica, compreender as suas limitações, vieses e riscos, e reconhecer quando não as usar. O conhecimento de domínio técnico-científico continua a ser fundamental — a IA valoriza, mas não substitui, quem domina profundamente uma área (medicina, direito, engenharia, história, gestão...). É a combinação "domínio técnico-científico + IA" que gera vantagem.

Neste contexto, as competências cognitivas adquirem um valor acrescido. Entre estas sobressaem a capacidade de avaliar conteúdos gerados por IA, distinguir informação de ruído e resistir à desinformação; ser capaz de resolver problemas complexos, muitas vezes em contextos ambíguos e com informação incompleta; manter a capacidade de formular perguntas novas, algo em que as máquinas continuam limitadas e, muito importante, continuar sempre a aprender. De entre as competências socioemocionais são de referir as capacidades de comunicação, de empatia de liderança, de mobilização de equipas em contexto de incerteza e as competências éticas e cívicas. Saber discutir o que deve ser feito, não apenas o que pode ser feito com a tecnologia e compreender o impacto da tecnologia nas instituições, no espaço público e na coesão social são igualmente competências



ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

muito relevantes. Num mundo em mudança acelerada a aprendizagem ao longo da vida deixa de ser uma opção pedagógica suplementar e passa a ser uma questão de sustentabilidade económica e social. Requalificar adultos é tão estratégico como formar jovens. As Universidades Portuguesas estão preparadas para o fazer, sejam-lhe dadas as condições para tal.


Sandra Soares

Vice-reitora da Universidade de Aveiro
para a Educação e Vida Académica

Num mundo cada vez mais marcado pela tecnologia e pela inteligência artificial, acredito que as competências mais críticas serão, acima de tudo, as competências humanas. A tecnologia continuará a evoluir a um ritmo sem precedentes, mas será a capacidade de pensar criticamente, comunicar, colaborar, criar, resolver problemas complexos, agir com ética e aprender continuamente que permitirá às pessoas gerar valor e fazer a diferença.

As competências digitais e a literacia em inteligência artificial serão essenciais, mas tenderão a tornar-se competências de base. O verdadeiro fator diferenciador residirá naquilo que a tecnologia não substitui: a empatia, a criatividade, o julgamento crítico, a liderança e a capacidade de trabalhar com os outros.

É precisamente aqui que o ensino superior tem um papel determinante. Na Universidade de Aveiro, temos vindo a investir de forma consistente na inovação pedagógica, promovendo uma aprendizagem centrada no estudante, assente em metodologias ativas, sendo comum a resolução de problemas, desafios, projetos e casos reais. Este modelo favorece não só a aquisição de conhecimento, mas também o desenvolvimento das competências transversais cada vez mais valorizadas pela sociedade e pelos empregadores.

Mas a formação não se esgota na sala de aula. Através do programa Ser+, agregamos, valorizamos e certificamos as competências que os estudantes desenvolvem em iniciativas extracurriculares nas áreas do voluntariado, cultura, desporto, empreendedorismo, mentoria e outras experiências de participação ativa na vida univer-

sitária. Porque acreditamos que a missão da Universidade não é apenas transmitir conhecimento, mas criar oportunidades para que cada estudante cresça nas dimensões académica, humana e cívica, e esteja preparado para responder, com sentido crítico e responsabilidade, aos desafios de um mundo em permanente transformação.


Filipe Santos

Diretor da Católica Lisbon School
of Business and Economics

Num mundo cada vez mais dominado pelas tecnologias e, em particular, pela inteligência artificial (IA), o acesso ao conhecimento estruturado torna-se um bem comum, disponível a todos.

Nesse contexto, há um conjunto de competências que ganham novo relevo. Desde logo as competências ligadas à capacidade de pensar e entender o mundo – a cultura geral, o contexto histórico, o espírito crítico, a capacidade de entender problemas e formular perguntas. São estas competências que vão permitir que a IA aumente a inteligência humana e não a substitua.

Adicionalmente, todas as competências ligadas à ação sobre a realidade vão ser essenciais. Ou seja, saber colocar o conhecimento em prática. Competências de empreendedorismo, de inovação, de gestão de projetos, de comunicação, de mobilização de pessoas e recursos. Aquelas competências que permitem às pessoas colocar o conhecimento em ação e agir sobre o mundo que as rodeia. Nesse contexto sobressaem também todas as competências que envolvem a gestão de pessoas, a empatia, a dinamização de equipas, a gestão de processos de transformação organizacional.

Daqui emerge também o tema da liderança que será a capacidade de, entendendo o mundo à nossa volta, encontrar um propósito de atuação claro e ser capaz de estabelecer prioridades e inspirar para a ação. Isto requer auto-conhecimento e um sentido claro do propósito pessoal de cada um, na sua carreira e na sua vida.

O paradoxo é que num mundo cada vez mais tecnológico, os profissionais de sucesso e as pessoas mais felizes serão aquelas que se consigam tornar cada vez mais humanas.


José Crespo de Carvalho

Presidente do ISCTE Executive Education

Precisamos, antes de tudo, de pensamento crítico. Parece uma banalidade. Não é. A tecnologia traz velocidade, quiçá eficiência. Quiçá eficácia. Mas não traz critério. A IA gera respostas, mas não assume consequências. Quem não souber perguntar, interpretar, duvidar, decidir em autonomia, dando a cara perante as lideranças ou os liderados, ficará apenas mais rápido. Mas a errar. E a nadar num mar de insegurança. Depois, precisamos de literacia digital e de literacia de IA. Não para transformar todos em programadores, mas para que ninguém seja analfabeto digital num novo paradigma do trabalho. Saber usar dados, compreender algoritmos, perceber limites, riscos, envios e impactos será tão básico como ter de saber ler e escrever. A terceira competência é humana: comunicação, empatia, colaboração e liderança. Quanto mais tecnologia tivermos, mais valioso será quem sabe mobilizar pessoas, criar confiança, resolver conflitos e dar sentido à mudança. As organizações não são feitas por quadradinhos com pessoas lá dentro. São comunidades de talento, medo, raiva, alegria, choro, isolamento, frustração, ambição, vitória... e, talvez, propósito. A quarta é adaptabilidade. As empresas que vão sobreviver não são necessariamente as maiores empresas. São as que aprendem mais depressa, desaprendendo o que sabem sem dramas. Sendo capazes de se reorganizarem antes de serem "obrigadas" a fazê-lo. Finalmente, ética e responsabilidade. A grande pergunta não será apenas "o que é que a tecnologia permite fazer?", mas "o que devemos fazer com ela?". O futuro não será decidido pela IA. Será decidido por quem tiver coragem, lucidez, bom senso e carácter para a usar sem se deixar governar por ela.

ID: 124148173

24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

Fórum

**Óscar Afonso**

Diretor da FEP - Faculdade de Economia e Gestão da Universidade do Porto

**Joana Santos Silva**

CEO do ISEG Executive Education

**José Esteves**

Dean da Porto Business School

Num mundo cada vez mais moldado pela tecnologia – da inteligência artificial à automação – as competências críticas para o futuro vão muito além do domínio técnico. A literacia digital e a capacidade de trabalhar com dados são hoje essenciais, mas será a sua articulação com competências humanas diferenciadoras que determinará a vantagem competitiva.

Destaco o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas complexos, num contexto de incerteza e mudança acelerada. A adaptabilidade e a aprendizagem ao longo da vida tornam-se igualmente indispensáveis, numa lógica contínua de 'upskilling' e 'reskilling'. Acrescem as competências interpessoais – comunicação, colaboração e inteligência emocional –, cada vez mais relevantes em ambientes híbridos e multiculturais. A liderança exigirá empatia, ética e visão estratégica.

Este enquadramento está no centro da atuação da FEP, nomeadamente através da sua formação executiva, desenvolvida em estreita ligação com as empresas. Nos nossos pequenos-almoços executivos, este tema tem sido amplamente debatido. Numa sessão recente sobre dados e inteligência artificial, evidenciou-se que a vantagem competitiva reside na capacidade de transformar informação em ação, exigindo não só competências técnicas, mas também cultura organizacional e espírito crítico.

Noutra reflexão sobre o futuro do talento, destacou-se a crescente imprevisibilidade das carreiras e a necessidade de uma gestão assente em competências, reforçando o papel da formação contínua na aceleração de percursos e na competitividade das organizações. As instituições de ensino superior têm, assim, um papel decisivo: formar profissionais completos, preparados para liderar num mundo em transformação.

Num mundo dominado pela tecnologia, a competência mais valiosa deixa de ser apenas saber fazer. Passa a ser saber decidir.

Durante décadas, falámos de competências técnicas e digitais como o grande desafio da formação. Continuam a ser importantes, mas já não são suficientes.

A Inteligência Artificial consegue processar informação, gerar conhecimento e automatizar tarefas a uma velocidade sem precedentes. O que continua a não conseguir fazer é assumir responsabilidade pelas decisões, compreender plenamente o contexto humano ou definir aquilo que deve ser feito quando não existe uma resposta certa.

É por isso que assistimos a um renovado interesse pela filosofia, pela ética e por outras áreas das humanidades. Não por romantismo ou nostalgia, mas porque estas disciplinas desenvolvem capacidades que se tornam ainda mais críticas: pensamento crítico, análise de informação, raciocínio ético, capacidade de questionar pressupostos, lidar com a ambiguidade e exercer julgamento.

Mais do que utilizar tecnologia, as pessoas terão de decidir quando confiar nela, quando desafiar e quando assumir que a decisão tem de permanecer humana. A boa governação, a liderança responsável e a ética deixam de ser temas periféricos para se tornarem competências centrais.

Existe ainda um segundo desafio: estas competências não se adquirem num curso nem se certificam através de um diploma. Desenvolvem-se ao longo da vida, através da experiência, da reflexão, do debate e da aprendizagem contínua. O futuro não será determinado apenas pela qualidade da tecnologia que conseguirmos desenvolver. Será determinado, sobretudo, pela qualidade das decisões humanas que formos capazes de tomar com ela.

Num mundo em que a inteligência artificial deixa de ser apenas uma ferramenta e passa a assumir formas mais autónomas, com agentes capazes de executar tarefas, coordenar fluxos de trabalho e apoiar decisões, as competências críticas mudam profundamente. Já não basta saber usar tecnologia. Será essencial orquestrar sistemas inteligentes, formular bons problemas, avaliar recomendações algorítmicas e decidir com julgamento, ética e responsabilidade.

A próxima fronteira da liderança será combinar capacidade tecnológica com discernimento humano. Pensamento crítico, literacia em IA, análise de dados, criatividade, comunicação e aprendizagem contínua continuam a ser essenciais. Mas ganham uma nova dimensão: liderar equipas híbridas, compostas por pessoas, dados, plataformas e agentes de IA. Num tempo em que a tecnologia acelera tudo, o verdadeiro diferenciador será o julgamento humano.

A oferta formativa da Porto Business School tem evoluído da literacia digital para uma visão mais estratégica da transformação tecnológica. A questão já não é apenas aprender IA, dados ou 'prompt engineering'. É compreender como escalar a inteligência artificial nas organizações, redesenhar modelos operativos, preparar líderes para a 'agentic AI' e integrar temas críticos como cibersegurança, confiança digital, 'governance', automação, 'analytics' e tecnologias emergentes como 'quantum computing'. Esta evolução reflete-se nos nossos MBA, com abordagem AI-first, no Executive Master in Digital Transformation, nas pós-graduações em Business Analytics and AI e Cybersecurity Management, e em programas executivos como AI for Business, AI Strategy for Executives, AI Revolution Bootcamp e Cybersecurity for Executives. Em 2025 e nos primeiros meses de 2026, sentimos uma procura mais qualificada e estratégica face a 2024. As empresas procuram menos formação avulsa e mais soluções que as ajudem a transformar, escalar e liderar num contexto em que a tecnologia se tornou central para a competitividade.

ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

**Pedro Oliveira**Dean da NOVA SBE - Nova School
of Business and Economics**Rosa Monteiro**Diretora Executiva da Coimbra
School of Management

Identifico três competências verdadeiramente críticas, sendo que nenhuma delas é uma ferramenta. A primeira é pensamento crítico aplicado. Não basta questionar. É preciso saber avaliar a qualidade, a fiabilidade e a origem da informação. Num mundo onde qualquer um pode gerar um texto convincente em segundos, a competência mais escassa é a de distinguir o que é rigoroso do que é apenas plausível. A segunda competência crítica é liderar num contexto de incerteza e disrupção. Pouco adianta formar para situações de estabilidade e mudanças incrementais. O que sabemos é que a instabilidade estrutural é a nova realidade, e por isso importa trabalhar a nossa flexibilidade e capacidade de adaptação. Aprender a aprender torna-se, por isso, essencial. Cada vez mais, os melhores líderes não são os que têm todas as respostas. São os que fazem as perguntas certas e constroem equipas capazes de encontrar respostas em ambientes em mutação. Isso exige a combinação de humildade intelectual, rigor analítico e adaptabilidade, que nenhuma ferramenta substitui. É por isso que os nossos alunos trabalham em desafios concretos de empresas reais. Não apenas para simular o mercado de trabalho, mas para desenvolverem esses músculos desde cedo. A terceira é a ética com consequências. Não como disciplina abstracta, mas antes como critério de decisão quotidiana. Uma escola de negócios que forma pessoas para maximizar resultados sem consciência do contexto em que operam e dos impactos que criam está a produzir um problema, não uma solução. O nosso objectivo é que os nossos estudantes sejam simultaneamente competitivos e responsáveis. E, por fim, como ferramenta, e não como um fim em si mesmo, não poderei deixar de acrescentar as competências digitais, incluindo a literacia em inteligência artificial, que serão cada vez mais relevantes considerando que permitem aumentar a produtividade, apoiar a tomada de decisões, impulsionar a inovação e responder às exigências de um mercado de trabalho em constante evolução.

O mais recente Relatório da Década Digital, de junho deste ano, revela que Portugal continua longe de uma das metas centrais da União Europeia: 80% da população deverá possuir competências digitais básicas até 2030. Atualmente, esse valor ronda os 56%. A Comissão Europeia identifica ainda como prioridades acelerar a utilização da inteligência artificial pelas empresas, aumentar o número de especialistas em Tecnologias de Informação e Comunicação - nomeadamente de mulheres - e reforçar a inovação digital.

Estas prioridades urgentes exigem lideranças com formação e visão de futuro porque o desafio é ainda mais profundo. Continuamos, muitas vezes, a pensar a transformação digital como um exercício infraestrutural de informatização, quando ela exige uma verdadeira transformação organizacional. Digitalizamos procedimentos, mas nem sempre redesenhamos processos. E esquecemo-nos de que a qualidade de um sistema não se mede apenas quando tudo funciona, mas também pela forma como responde quando algo falha.

Hoje, a tecnologia deixou de ser apenas um instrumento de produtividade. Regula os sistemas financeiros, a investigação científica, a saúde, a educação, a mobilidade, a gestão urbana, a cibersegurança, a defesa e até a forma como recrutamos, avaliamos desempenho ou organizamos o trabalho. Liderar neste contexto implica compreender que as decisões tecnológicas são também decisões económicas, sociais, éticas e estratégicas. Uma formação para executivos que cruza ciências e territórios do saber é fundamental. As competências mais críticas do futuro não serão apenas técnicas. Serão a capacidade de pensar de forma sistémica, integrar conhecimento de diferentes áreas, gerir risco, decidir em contextos de elevada incerteza e governar a tecnologia com responsabilidade.

É esta visão que orienta a Coimbra School of Management. Inserida no ecossistema de inovação na Universidade de Coimbra, procuramos cons-

truir pontes entre gestão, inteligência artificial, economia digital, cibersegurança, geopolítica e ciências sociais, aproximando conhecimento académico e desafios reais das organizações. Porque a competitividade de Portugal dependerá da tecnologia que conseguirmos desenvolver, mas dependerá sobretudo das pessoas que formarmos para a compreender, governar e colocar ao serviço da sociedade.

**Pedro Nuno Ferreira**Professor e Chief Marketing & Sales Officer
da AESE Business School

Vivemos a maior revolução tecnológica do nosso tempo e a maior transferência de competências da história: tarefas que demoravam anos a dominar são hoje executadas por algoritmos em segundos. A pergunta certa já não é "o que sabe fazer?", mas "o que faz com o que as máquinas sabem?".

A primeira competência crítica é, sem rodeios, técnica. Não se lidera o que não se compreende. Fluência digital, literacia de dados e domínio funcional da inteligência artificial deixaram de ser território dos engenheiros — são o novo inglês dos negócios. Quem não fala esta língua fica fora da conversa onde se decide o futuro. Mas a tecnologia, sozinha, como uma invenção, não cria valor. Cria possibilidades. É a inovação transformada em negócio que cria valor. Transformá-las em resultados exige a segunda família de competências: pensamento crítico e juízo. Num mundo inundado de respostas instantâneas, a vantagem competitiva está em quem faz as melhores perguntas, distingue o relevante da bruma dos dias e decide com discernimento quando os dados não chegam — e raramente chegam.

E há um terceiro pilar, o mais difícil de automatizar: liderar pessoas. A confiança não se programa, é construída. A capacidade de dar sentido ao trabalho, de desenvolver equipas, de comunicar com verdade e de tomar decisões difíceis com integridade será o que separa organizações que apenas adoptam tecnologia daquelas que se transformam com ela, inovando o negócio. Os líderes do futuro serão tradutores: entre a máquina e o negócio, entre a estratégia e as pessoas.

ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

Fórum

“Caeteris paribus”, quanto mais tecnológico for o mundo, mais humano tem de ser quem o dirige. As competências técnicas abrem a porta; o carácter, a empatia e a visão de negócio decidem quem entra. O futuro não pertence às máquinas nem aos que as temem — pertence a quem aprende sempre, pensa melhor, lidera com competência técnica, visão de negócio e com propósito. A tecnologia é o instrumento. A pergunta continua a ser humana: para onde queremos ir? E essa resposta só os seres humanos podemos dar.


Ângela Lemos

Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal

Vivemos numa época de transformação acelerada, marcada pela digitalização, pela IA e por profundas mudanças na forma como trabalhamos, aprendemos e nos relacionamos. A literacia digital e a capacidade de utilizar, compreender e integrar criticamente novas tecnologias, adaptando-se continuamente à inovação, serão competências fundamentais para a empregabilidade, a competitividade e uma participação plena na sociedade.

Mas o presente não se constrói apenas com tecnologia. Quanto mais avançadas são as ferramentas tecnológicas, maior relevância assumem as competências como o pensamento crítico, a criatividade, a resolução de problemas complexos, a comunicação, a colaboração, a liderança e a inteligência emocional. Acresce uma competência estratégica: a capacidade de aprender ao longo da vida. As profissões estão em constante evolução e muitas das funções que existirão daqui a alguns anos ainda não foram imaginadas. Mais do que preparar pessoas para uma profissão específica, devemos prepará-las para continuar a aprender, adaptar-se e reinventar-se.

Este desafio exige um compromisso das políticas públicas. O ensino superior público deve dispor de financiamento adequado, garantindo o acesso universal à aprendizagem ao longo da vida, dos jovens aos adultos que procuram requalificar-se ou adquirir novas competências, para responder às exigências de uma economia e sociedade em constante transformação. O desafio das instituições de ensino superior é

formar profissionais competentes e cidadãos responsáveis, críticos e capazes de contribuir para uma sociedade mais inovadora, sustentável e inclusiva. Investir no ensino superior público é investir na qualificação das pessoas, na coesão social, na inovação e na competitividade do País. O futuro pertencerá a quem souber conjugar conhecimento tecnológico com uma sólida dimensão humana.


Carlos Rabadão

Presidente do Instituto Politécnico de Leiria
(Universidade de Leiria e Oeste)

Importa, antes de mais, reconhecer que a tecnologia continuará a transformar profundamente a forma como vivemos, trabalhamos e inovamos. Contudo, num mundo cada vez mais digital, as competências mais críticas serão aquelas que permitem às pessoas compreender, dominar e potenciar a tecnologia para criar valor. Refiro-me à capacidade de aprendizagem contínua, ao pensamento crítico, à criatividade, à resolução de problemas complexos, à colaboração interdisciplinar e à adaptação à mudança. A estas juntam-se, inevitavelmente, uma sólida literacia digital e uma utilização ética, crítica e responsável da Inteligência Artificial.

No contexto do ensino superior, estas competências não se desenvolvem apenas em sala de aula. Exigem uma forte ligação entre a academia, a investigação e as empresas, permitindo que os estudantes contactem com desafios reais, desenvolvam soluções inovadoras e adquiram experiência em ambientes de elevada exigência tecnológica. É nesta interação que se formam profissionais capazes de inovar, compreender e liderar a mudança.

É precisamente nesta visão que assenta a estratégia da recém-criada Universidade de Leiria e Oeste (ULO), anterior Instituto Politécnico de Leiria. A transformação em universidade reforça um ecossistema de inovação que integra ensino, investigação aplicada e tecido empresarial, potenciando a criação, valorização e transferência de conhecimento para a sociedade e para a economia.

Ao promover uma colaboração cada vez mais

estreita com as empresas e outras organizações, a Universidade de Leiria e Oeste pretende formar profissionais altamente qualificados, preparados para liderar a transformação digital e energética, assim como responder aos desafios da competitividade, da sustentabilidade e da inovação, contribuindo, simultaneamente, para afirmar a região nas cadeias de valor de maior intensidade tecnológica, em Portugal e no contexto internacional.


Raul Fangueiro

Pró-Reitor da Universidade do Minho

Num mundo dominado pela tecnologia, as competências mais valiosas continuarão a ser profundamente humanas.

Nunca a Humanidade dispôs de tanta tecnologia. A inteligência artificial responde em segundos a problemas complexos, a automação substitui tarefas outrora exclusivamente humanas e o conhecimento tornou-se acessível à distância de um clique. Paradoxalmente, nunca as competências humanas foram tão determinantes para o futuro. Durante décadas acreditou-se que o conhecimento técnico seria o principal fator diferenciador. Continuará, naturalmente, a ser indispensável. Mas deixou de ser suficiente. Num mundo onde a tecnologia democratiza o acesso ao conhecimento, a verdadeira diferença residirá na capacidade de o interpretar criticamente, de o integrar com diferentes áreas e, sobretudo, de o transformar em soluções que gerem impacto económico, social e ambiental.

Os profissionais que verdadeiramente fazem a diferença raramente são apenas os que sabem mais. São aqueles que nunca deixam de aprender, que conseguem trabalhar com pessoas de diferentes disciplinas, que comunicam, colaboram e encontram respostas para problemas cada vez mais complexos. A aprendizagem continua deixa de ser uma opção para passar a constituir uma condição essencial de adaptação. A inteligência artificial continuará a evoluir e a executar muitas tarefas melhor do que nós. Produzirá texto, código, imagens e análises com uma rapidez impressionante. Mas continuará a depender da capacidade humana para formu-

ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

lar as perguntas certas, interpretar criticamente as respostas, tomar decisões responsáveis e imaginar aquilo que ainda não existe. É por isso que competências como o pensamento crítico, a criatividade, a curiosidade intelectual, a capacidade de colaboração e a liderança deixarão definitivamente de ser simples soft skills. Serão competências críticas.

O futuro também não pertencerá aos maiores especialistas isolados. Pertencerá a quem conseguir integrar conhecimento, tecnologia e pessoas. A inovação nasce cada vez mais na interseção entre disciplinas, setores de atividade e diferentes formas de pensar. Saber continuará a ser importante; saber ligar será decisivo.

As universidades têm, por isso, uma responsabilidade acrescida. O seu papel já não pode limitar-se à transmissão de conhecimento técnico. Devem formar pessoas capazes de aprender ao longo da vida, de transformar conhecimento em inovação e de utilizar a tecnologia com sentido ético e responsabilidade.

A tecnologia continuará a transformar o mundo. Mas continuará a ser o ser humano a decidir o rumo dessa transformação. Porque, no futuro, a verdadeira vantagem competitiva não estará na tecnologia que utilizamos, mas na capacidade de a colocar ao serviço das pessoas e da construção de uma sociedade mais sustentável, mais justa e mais humana.


João Pinto

Dean da Católica Porto Business School

Vivemos uma transformação tecnológica sem precedentes, mas é precisamente por isso que defendo, há muito, uma ideia que pode parecer contraintuitiva: quanto mais tecnologia houver à nossa volta, mais decisivas se tornam as competências genuinamente humanas.

A inteligência artificial já resolve problemas técnicos com uma eficiência que nenhum de nós consegue igualar. O que ela não faz, e não fará tão cedo, é ponderar com ética, liderar com empatia ou tomar decisões complexas em contextos de ambiguidade e incerteza. É aí que reside o verdadeiro diferencial de um líder para as próximas décadas.

Na Católica Porto Business School, identificamos três dimensões de competências como absolutamente críticas. Primeiro, a literacia tecnológica aplicada: não formar especialistas em programação, mas líderes capazes de compreender o potencial e as limitações da IA, da automação e dos dados, para que tomem decisões informadas. Segundo, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas complexos, competências que se tornam mais, e não menos, relevantes quando temos acesso instantâneo a informação e a respostas geradas por máquinas. Terceiro, e talvez o mais importante, as competências humanistas: comunicação, inteligência emocional, colaboração multicultural e sentido ético. É por isso, aliás, que colocamos os valores humanistas no centro do nosso projeto educativo, algo que a nossa acreditação Triple Crown (EQUIS, AACSB e AMBA) reconhece e reforça. Formar gestores tecnicamente competentes é necessário, mas não é suficiente. O mundo precisa de líderes que usem a tecnologia para amplificar o impacto positivo nas organizações e na sociedade, nunca o contrário. Acrescento ainda, como competências críticas para o futuro, a adaptabilidade e a aprendizagem contínua. As competências técnicas de hoje terão uma validade cada vez mais curta. O que permanece é a capacidade de aprender, desaprender e reaprender ao longo de toda a carreira. Essa é, no fundo, a competência que sustenta todas as outras.


Pedro Pinheiro

Presidente e professor do ISCAL - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa

Vivemos um momento em que a tecnologia, e em particular a IA, está a transformar a forma como trabalhamos, aprendemos e tomamos decisões. Neste contexto, o verdadeiro fator diferenciador será a capacidade de combinar conhecimento tecnológico com competências distintivamente humanas.

A literacia digital e a capacidade de utilizar a IA de forma crítica e ética serão competências essenciais em praticamente todas as profissões.

Não basta saber usar ferramentas, será necessário compreender as suas potencialidades, reconhecer as suas limitações, avaliar a fiabilidade dos resultados e tomar decisões informadas.

Paralelamente, competências como o pensamento crítico, a criatividade, a resolução de problemas complexos, a comunicação e a colaboração ganharão ainda mais relevância. À medida que as tarefas rotineiras forem automatizadas, o valor acrescentado das pessoas estará na capacidade de interpretar contextos, estabelecer relações, inovar e criar soluções que a tecnologia, por si só, ainda não consegue produzir.

A adaptabilidade será igualmente decisiva. A rapidez da mudança tecnológica significa que os conhecimentos adquiridos hoje poderão tornar-se insuficientes num curto espaço de tempo. Por isso, a aprendizagem ao longo da vida deixará de ser uma opção para se tornar uma necessidade. Mais do que preparar pessoas para uma profissão, teremos de preparar profissionais capazes de aprender, desaprender e reaprender continuamente.

Por fim, importa reforçar uma ideia frequentemente esquecida. O futuro não pertence a quem competir com IA, mas a quem souber trabalhar com ela. As organizações procurarão profissionais que utilizem a tecnologia para potenciar a sua capacidade de análise, criatividade e decisão, sem abdicar da ética, da empatia e do sentido crítico. São estas competências profundamente humanas que continuarão a distinguir os melhores profissionais num mercado de trabalho cada vez mais tecnológico.


Alexandre Silva

Presidente da Coimbra Business School | ISCAC

Durante muitos anos defendemos que as competências críticas passavam pela adaptação à tecnologia e à transformação digital. Essa continua a ser uma condição necessária, mas deixou de ser suficiente. A tecnologia deixou de ser o destino, passou a ser o contexto.

Hoje, a tecnologia, a inteligência artificial e a digitalização já fazem parte do quotidiano das organizações, a verdadeira vantagem competitiva reside na capacidade de compreender o contexto,

ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

interpretar a mudança e adaptar-se continuamente a novas realidades. A rapidez com que os cenários evoluem exige profissionais capazes de aprender, desaprender e voltar a aprender, mantendo uma visão crítica e sistémica, criando valor. Paradoxalmente, quanto mais digital se torna o mundo, mais relevantes se tornam as competências humanas. A empatia, a comunicação, a colaboração, a liderança, a criatividade, o pensamento crítico e a inteligência emocional são as capacidades que permitem potenciar a tecnologia sem perder de vista as pessoas.

O grande desafio dos próximos anos não será apenas incorporar mais tecnologia nas organizações, mas humanizá-las. Será encontrar formas de integrar a dimensão humana em ambientes cada vez mais digitais, globais e virtuais, criando culturas onde inovação, bem-estar, desempenho e propósito coexistam. As organizações mais bem-sucedidas não serão necessariamente as que adotarem primeiro a tecnologia mais avançada, mas as que conseguirem integrar, de forma inteligente, a inovação tecnológica com uma cultura profundamente centrada nas pessoas. O futuro pertencerá às organizações e aos profissionais que conseguirem conciliar o melhor dos dois mundos, a eficiência proporcionada pela tecnologia e a inteligência humana necessária para lhe dar sentido, direção e impacto. É isso que fazemos na Coimbra Business School | ISCAC, através da constante atualização dos nossos currículos e das atividades extracurriculares que proporcionamos, mas também pela promoção de um ambiente saudável, inclusivo e estimulante, tanto para estudar como para trabalhar.


António Almeida-Dias

Presidente do Conselho de Administração da CESPU
e Presidente da APESP - Associação Portuguesa
do Ensino Superior Privado

Num contexto marcado pela aceleração tecnológica, pela inteligência artificial, pela transição digital e pela transformação dos modelos de trabalho, as competências críticas para o futuro não se esgotam no domínio técnico. O ensino superior é hoje chamado a formar perfis altamente qualificados, capazes de integrar conhecimento

científico, literacia digital, pensamento crítico, criatividade, adaptabilidade e capacidade de aprendizagem ao longo da vida. O setor do ensino superior encontra-se no centro de uma agenda de transformação nacional e internacional. A evolução demográfica, a mobilidade académica global, a diversificação dos públicos estudantis, a internacionalização, a inovação pedagógica, a empregabilidade, a acreditação da qualidade, a microcredenciação e a articulação com o tecido económico e social colocam novos desafios às instituições. Neste contexto, preparar graduados para mercados de trabalho dinâmicos, globalizados e tecnologicamente intensivos tornou-se uma missão estratégica.

O ensino superior privado assume aqui um papel particularmente relevante. Pela sua agilidade institucional, proximidade ao mercado e capacidade de desenvolver respostas formativas ajustadas às necessidades emergentes da economia, tem contribuído de forma decisiva para colmatar défices de qualificações, reforçar a competitividade das empresas e promover a inovação nos diferentes setores de atividade. Ao diversificar a oferta formativa, criar ciclos de estudo alinhados com novas áreas profissionais e estabelecer parcerias com empregadores, o ensino superior privado afirma-se como um motor de qualificação, mobilidade social e desenvolvimento económico. Mais do que preparar diplomados para ocupar funções existentes, importa formar profissionais capazes de criar valor, liderar processos de mudança e responder a problemas complexos. As competências técnicas continuam a ser essenciais, sobretudo em áreas como ciência de dados, inteligência artificial, cibersegurança, saúde, gestão, engenharia, educação, sustentabilidade e transformação digital. Contudo, são as competências transversais — pensamento crítico, resolução colaborativa de problemas, comunicação, liderança, ética, criatividade e inteligência emocional — que permitem transformar conhecimento em impacto.

A emergência de novos modelos de aprendizagem reforça esta necessidade. A formação deixou de ser concentrada num único momento da vida e passou a integrar percursos contínuos de requalificação e atualização. A aprendizagem ao longo da vida, as microcredenciais, os programas executivos, as pós-graduações especializadas e os formatos flexíveis de ensino são hoje instrumentos fundamentais para responder às transições profissionais e às necessidades de upskilling e reskilling da população ativa.

Neste domínio, o ensino superior privado tem

condições especialmente favoráveis para inovar. A sua autonomia, flexibilidade organizacional e capacidade de estabelecer ecossistemas colaborativos com empresas, entidades públicas, organizações sociais e parceiros internacionais permitem acelerar a criação de respostas educativas relevantes. Esta ligação ao mercado de trabalho não reduz a missão académica; pelo contrário, reforça a pertinência social do conhecimento produzido e transmitido.

O impacto do ensino superior privado ultrapassa, assim, a formação individual dos estudantes. Ao qualificar talento, atrair novos públicos, responder às necessidades das empresas, promover inovação aplicada e contribuir para a empregabilidade, constitui um ativo estratégico para a economia nacional. Num mundo dominado pela tecnologia, a vantagem competitiva dos países dependerá cada vez mais da capacidade das suas instituições de ensino superior formarem pessoas tecnicamente competentes, eticamente conscientes, criativas, adaptáveis e preparadas para aprender continuamente.


Miguel de Castro Neto

Diretor da NOVA Information
Management School (NOVA IMS)

A inteligência artificial está a transformar a economia a uma velocidade sem precedentes. Muitas profissões serão profundamente reinventadas e novas funções, que hoje ainda nem conseguimos antecipar, irão surgir nos próximos anos. Neste contexto, a maior competência deixou de ser apenas o conhecimento adquirido; passou a ser a capacidade de aprender continuamente. A aprendizagem ao longo da vida deixou de constituir uma opção ou um complemento ao percurso profissional. É o novo normal. Num mundo em que as competências técnicas evoluem rapidamente, a capacidade de adquirir novos conhecimentos, adaptar-se à mudança e integrar novas tecnologias será determinante para manter a relevância profissional e criar valor nas organizações.

Naturalmente, competências como a literacia de dados, o pensamento analítico e a utilização responsável da inteligência artificial serão cada

ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

vez mais transversais a todos os setores de atividade. Mas estas só geram verdadeiro impacto quando acompanhadas por espírito crítico, criatividade, discernimento ético, capacidade de colaboração e liderança. São estas competências humanas que permitem transformar tecnologia em melhores decisões, inovação e progresso.

As instituições de ensino têm hoje uma missão que vai muito além da formação inicial. Devem ser parceiros permanentes do desenvolvimento das pessoas e das organizações, proporcionando oportunidades de atualização, especialização e requalificação ao longo de toda a vida profissional. Numa economia alicerçada na inteligência artificial, o maior ativo das organizações continuará a ser o talento. E o talento distinguir-se-á cada vez mais pela capacidade de aprender, desaprender e voltar a aprender, transformando a mudança numa oportunidade permanente de crescimento. No futuro, a competência mais valiosa não será aquilo que sabemos hoje, mas a nossa capacidade para continuar a aprender amanhã.


Joaquim Brigas

Presidente do Politécnico da Guarda

Num mundo em que a tecnologia evolui mais depressa do que qualquer plano curricular, o que verdadeiramente distingue as pessoas já não é dominar ferramentas, mas pensar de forma crítica, comunicar com clareza, colaborar e decidir com ética. Por isso, quanto mais a tecnologia avança, mais precisamos de humanismo: da capacidade de compreender o outro, de dar sentido ao que fazemos e de continuar a aprender ao longo da vida. É este equilíbrio entre técnica e humanidade que o ensino superior deve preparar, formando pessoas capazes de evoluir, inovar e reinventar-se continuamente.

No Instituto Politécnico da Guarda (IPG), é esta a filosofia que orienta a aposta na produção de ciência e na inovação. A instituição participa em seis Unidades de Investigação & Desenvolvimento (I&D), quatro delas classificadas com "Muito Bom". A investigação desenvolvida nestes centros abrange áreas tão diversas como o desporto, os média, o património e os espaços de fronteira. Desde 2019, o Politécnico da Guarda integrou 71

projetos, num universo de 136 milhões de euros, dos quais gere diretamente 15,5 milhões. Lidera seis projetos internacionais, em parceria com universidades europeias, e 15 projetos nacionais, desenvolvidos em articulação com instituições de ensino superior, centros de investigação, empresas, autarquias, IPSS e outros parceiros.

O novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) converterá a instituição em universidade politécnica. Esta transformação reflete um percurso de crescimento sustentado, alicerçado na qualidade do ensino, da investigação, na capacidade de inovação e na forte ligação ao território. Os três novos programas doutorais que terão início no ano letivo de 2026-2027 são bem demonstrativos dessa evolução: "Média, Património, Sociedade e Espaços de Fronteira", em cooperação com a Universidade Pública de Navarra; "Ciências do Desporto", em parceria com cinco institutos politécnicos nacionais; e "Ciências Biomédicas e Biotecnológicas", em cooperação com a Universidade de Saragoça.


Júlia Alfaiate

Diretora da Escola de Serviços e Comércio do Oeste (ESCO)

A Inteligência Artificial está a transformar profundamente a forma como trabalhamos, aprendemos e comunicamos. Por isso, a escola tem a responsabilidade de preparar os jovens para compreenderem e utilizarem estas tecnologias de forma crítica, ética e responsável.

Na Escola de Serviços e Comércio do Oeste (ESCO) encaramos a Inteligência Artificial não apenas como uma ferramenta tecnológica, mas como uma competência estratégica para o futuro. Os nossos alunos são incentivados a explorar aplicações práticas da IA, compreender o seu funcionamento, reconhecer as suas limitações e desenvolver uma utilização crítica e consciente destas tecnologias. Mais do que formar meros utilizadores de tecnologia, queremos formar profissionais capazes de trabalhar com a tecnologia, adaptando-se a um mercado de trabalho exigente e em constante evolução. Na ESCO acreditamos que a combinação entre competências técnicas, pensamento crítico,

ética digital e capacidade de aprendizagem contínua será determinante para o sucesso das próximas gerações. (...)

A ESCO encontra-se a reforçar a sua oferta formativa através do novo Centro Tecnológico Especializado (CTE) de Informática, um espaço dedicado à inovação, à experimentação e ao desenvolvimento de competências nas áreas da programação, robótica, inteligência artificial e transformação digital, concebido para aproximar a educação da realidade tecnológica das empresas. O CTE disponibiliza ambientes de aprendizagem equipados com tecnologia de ponta permitindo aos alunos aprender através da experimentação e da realização de projetos concretos. Embora os principais destinatários sejam os alunos dos cursos profissionais, este investimento pretende igualmente beneficiar a comunidade educativa, empresas e restantes parceiros, promovendo ações de capacitação, demonstrações tecnológicas, workshops e projetos colaborativos. Mais do que acompanhar a evolução tecnológica, a ESCO pretende antecipar as competências que o mercado de trabalho procura. As empresas necessitam cada vez mais de profissionais, independentemente de qual área de atuação, capazes de utilizar ferramentas de Inteligência Artificial, desenvolver soluções digitais, automatizar processos e adaptar-se rapidamente à inovação tecnológica. O CTE ajuda a ESCO a responder a este desafio, proporcionando uma formação prática, atualizada e fortemente orientada para a empregabilidade e para a transformação digital das organizações.


Natália Espírito Santo

Diretora-geral da Atlântica – Instituto Universitário

Num mundo dominado pela tecnologia, a primeira competência crítica será, paradoxalmente, saber continuar a pensar. A inteligência artificial, os dados, a automação e as novas ferramentas digitais estão a transformar profissões, organizações e formas de aprender. Mas nenhuma tecnologia substitui a capacidade de interpretar informação, formular boas perguntas, tomar decisões responsáveis e compreender o impacto humano, social e ético dessas decisões.

ID: 124148173 24-07-2026 | QUEM É QUEM - FORMAÇÃO PR.

Por isso, acredito que o futuro exigirá uma combinação muito rigorosa de competências. Literacia digital, capacidade de trabalhar com dados, compreensão da inteligência artificial e adaptação tecnológica serão indispensáveis. Mas terão de ser acompanhadas por pensamento crítico, criatividade, comunicação, colaboração, empatia, resiliência e aprendizagem ao longo da vida.

Na Atlântica – Instituto Universitário e na ES-SATLA – Escola Superior de Saúde Atlântica, esta visão é particularmente relevante porque formamos alunos em áreas ligadas aos desafios do futuro: engenharias, tecnologia, aeronáutica, gestão, segurança, proteção civil, nutrição, fisioterapia, enfermagem, osteopatia e farmácia. Em todas elas, a competência técnica continua a ser essencial, mas já não chega. O diferencial estará na capacidade de aplicar conhecimento em contextos reais, trabalhar em equipa, lidar com incerteza e responder a problemas complexos com rigor científico e sensibilidade humana.

O ensino superior tem hoje a responsabilidade de formar profissionais para carreiras menos lineares, mais internacionais e em permanente transformação. Isso exige currículos próximos da prática, investigação aplicada, contacto com empresas e instituições, experiências internacionais, estágios e uma cultura de atualização contínua. A tecnologia será decisiva. Mas o futuro não será construído apenas por quem domina ferramentas. Será construído por quem sabe aprender, cuidar, liderar, comunicar, inovar e agir com responsabilidade.

**Rui Ribeiro**

Diretor Executivo da Lusófona Executive School

Num mundo onde a tecnologia evolui mais rapidamente do que a capacidade das organizações para a integrar, as competências verdadeiramente críticas já não são apenas técnicas.

A Inteligência Artificial democratizou o acesso ao conhecimento. Hoje, praticamente todos conseguem obter informação, produzir conteúdo ou automatizar tarefas. O verdadeiro fator diferenciador passou a ser a capacidade humana de formular as perguntas certas, interpretar

criticamente a informação disponível e tomar decisões responsáveis.

Por isso, acredito que o futuro exigirá uma combinação de competências que dificilmente poderá ser substituída pela tecnologia: pensamento crítico, capacidade analítica, visão estratégica, criatividade, ética, comunicação, liderança e aprendizagem contínua.

As competências digitais continuarão naturalmente a ser essenciais. Mas mais importante do que dominar uma ferramenta específica tecnológica será compreender como a utilizar para criar valor, resolver problemas concretos, quando aparecerem e forem de resolução imediata, e apoiar melhores decisões, em situações de índole mais tática ou estratégica de uma organização.

Vivemos uma época onde a tecnologia muda constantemente. As ferramentas de hoje serão diferentes das de amanhã. Em contrapartida, a capacidade para aprender, adaptar-se e liderar em contextos de incerteza continuará a ser uma vantagem competitiva duradoura.

Na Lusófona Executive School acreditamos precisamente nessa combinação entre conhecimento técnico e competências humanas. Procuramos formar profissionais capazes de compreender a tecnologia, mas também de questioná-la, enquadrá-la estrategicamente e colocá-la ao serviço das pessoas, das organizações e da sociedade. Porque, no futuro, o desafio não será competir com a Inteligência Artificial, com a Computação Quântica ou com a Cloud. Será saber trabalhar com elas, sem abdicar daquilo que continua a ser exclusivamente humano: a capacidade de decidir com sentido crítico, responsabilidade, visão e liderança.

**Catarina João Morgado**

PwC's Academy Director

Num mundo em que a tecnologia evolui a uma velocidade difícil de acompanhar, acredito que as competências críticas para o futuro serão, cada vez mais, aquelas que nos distinguem enquanto humanos. A inteligência artificial está a transformar processos, modelos de negócio e formas de trabalhar, mas torna ainda mais rele-

vante a capacidade de pensar, decidir, colaborar, liderar e aprender.

O World Economic Forum tem vindo a reforçar esta ideia, destacando o pensamento analítico, a criatividade, a resiliência, a flexibilidade, a liderança, a autoconsciência e a literacia tecnológica. A mensagem é clara: não basta saber usar tecnologia; é preciso saber formular boas perguntas, interpretar informação, tomar decisões em contextos ambíguos e mobilizar pessoas para a mudança.

Diria que há três dimensões essenciais. A primeira é a capacidade de pensar: pensamento crítico, pensamento analítico, criatividade e tomada de decisão. Num tempo de excesso de informação e respostas geradas em segundos, a diferença estará na qualidade do discernimento humano.

A segunda é a capacidade de nos relacionarmos: comunicação, empatia, colaboração, influência e liderança. A transformação digital não acontece apenas pela implementação de sistemas; acontece pela adesão das pessoas, pela confiança que se constrói e pela capacidade de criar segurança psicológica para experimentar, errar e melhorar.

A terceira é a capacidade de nos adaptarmos: resiliência, flexibilidade, agilidade, autoconsciência e motivação. Estas competências são fatores críticos de desempenho em ciclos de mudança cada vez mais curtos.

Transversal a todas está, para mim, a capacidade de aprender. Muitas vezes confundimos aprendizagem com consumo de conteúdos, mas aprender implica atenção, prática, reflexão, feedback e transferência para o contexto real de trabalho. Aprender tornou-se parte do próprio trabalho.

Na PwC's Academy, temos observado que as organizações procuram cada vez mais experiências que ajudem as suas pessoas a pensar melhor, comunicar melhor, aprender melhor e liderar melhor. Por isso, temos desenvolvido soluções em temas como pensamento crítico, tomada de decisão, criatividade e "aprender a aprender", com foco na aplicação prática e na mudança de comportamentos.

Acredito que o futuro da formação passará por soluções mais integradas, próximas do negócio e orientadas para impacto. Num tempo em que a tecnologia ocupa cada vez mais espaço, a formação deve ajudar-nos a reforçar aquilo que temos de mais distintivo: a capacidade de pensar, escolher, colaborar e evoluir com intenção.

**Manuela Costa**

Cocoordenadora da Pós-Graduação Marketing Digital, Business Intelligence & IA da Universidade Portucalense

Num mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, consideramos que as competências críticas para o futuro não serão apenas técnicas, mas igualmente humanas.

- Literacia digital. Não basta saber utilizar um computador ou uma aplicação; será necessário compreender como a tecnologia funciona, quais são os seus limites e que impactos pode ter na vida das pessoas, empresas e na sociedade.

Pensamento e reflexão crítica. Num contexto em que temos acesso a uma enorme quantidade de informação, torna-se essencial saber distinguir factos de opiniões, identificar fontes credíveis e questionar. A tecnologia pode facilitar muitas tarefas, mas não substitui a capacidade humana de analisar, refletir e tomar decisões conscientes.

Capacidade de adaptação. O mercado de trabalho está em constante mudança e muitas profissões vão transformar-se profundamente. Por isso, quem estiver disponível para aprender ao longo da vida, atualizar conhecimentos e desenvolver novas competências terá mais facilidade em acompanhar essas mudanças.

Criatividade, comunicação e colaboração. Mesmo num mundo tecnológico, os problemas complexos exigem ideias novas, trabalho em equipa e capacidade de comunicar de forma clara. A criatividade continua a ser essencial para inovar, resolver problemas e encontrar soluções criativas.

Inteligência emocional e responsabilidade ética. À medida que a tecnologia se torna mais presente, será cada vez mais importante compreender o impacto das nossas decisões nos outros. Saber lidar com pessoas, respeitar diferentes perspetivas, agir com empatia e usar a tecnologia de forma responsável serão fundamentais para construir um futuro mais equilibrado.

Assim, no futuro, não bastará dominar ferramentas tecnológicas. Será necessário com-

binar conhecimentos digitais com competências humanas. É precisamente essa visão que orienta a Pós-Graduação em Marketing Digital, Business Intelligence & IA da Universidade Portucalense / Portucalense Business School, proporcionando aos participantes as competências necessárias para integrar a tecnologia de forma estratégica, ética e orientada para a criação de valor. É esta combinação que permitirá às pessoas não apenas acompanhar a evolução tecnológica, mas também contribuir para uma sociedade mais consciente, inclusiva e preparada para os desafios.

**Alexandra Malheiro**

Presidente do IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

Hoje sabemos que a tecnologia nos permite otimizar esforços na realização de tarefas, contudo também sabemos que a tecnologia não substitui nem substituirá a empatia, o pensamento crítico e a capacidade de trabalhar em equipa. E a empatia é uma característica humana cada vez mais valorizada nas organizações, assim como a capacidade de pensamento crítico e o sentido de responsabilidade coletiva. Pensamento crítico para a inovação e para a criatividade. Criatividade que, normalmente, é espolhada pelos desafios, pela necessidade de soluções. Estas são competências que nenhuma máquina consegue replicar, e é aí que encontramos a diferença entre um profissional funcional e um profissional insubstituível.

É precisamente por isso que a formação superior tem hoje uma responsabilidade acrescida. No IPCA, acreditamos que formar bons profissionais começa por formar cidadãos conscientes, éticos, críticos e capazes de compreender o impacto do seu conhecimento na sociedade. Seja nas engenharias, nas tecnologias, na gestão, no design, no turismo, no desporto ou em qualquer outra área do saber, procuramos preparar pessoas que dominem as ferramentas do seu tempo, mas, sobretudo, que saibam colocá-las ao serviço das pessoas, das organizações e do bem comum.

Diretório

Nas páginas que se seguem, fique a conhecer os contactos das principais instituições de ensino superior e empresas de formação em Portugal. A listagem não é exaustiva e foi preparada pelo Jornal Económico em parceria com o portal Uniarea